



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ÀS VEZES SE PERDE O TELHADO PRA GANHAR AS ESTRELAS:

A VILA AUTÓDROMO COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA CONTRA AS REMOÇÕES NA
CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Gabriela Izabel de Alvarenga

gabriela.i.alvarenga@gmail.com

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Brasil

Leonardo Vasconcelos Cavalier Darbilly

leonardo.darbilly1@gmail.com

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

As ações implementadas por diferentes movimentos sociais têm sido objeto de diversos trabalhos na área de estudos organizacionais críticos, tendo em vista que elas são capazes de possibilitar diferentes formas de a sociedade se organizar e manifestar suas demandas, viabilizando que o coletivo atue de forma heterogênea em prol de um consenso (Dussel, 2007; Misoczky, 2010; Gohn, 2011). No presente estudo, essa mobilização envolve a luta empreendida no âmbito de uma comunidade por parte de seus moradores com o intuito de sua permanência em tal localidade. A Vila Autódromo é uma comunidade localizada na Zona Oeste, no município do Rio de Janeiro, que tem sofrido uma forte especulação imobiliária devido ao processo de expansão da cidade. Esse interesse especulativo se ampliou sobremaneira com a chegada dos Jogos Olímpicos de 2016, já que a região, por decisão do poder público, foi escolhida para abrigar o Parque Olímpico, o “coração dos Jogos” (Freire, 2013). Assim, visando atender a essas predileções, o local passou por um processo de “empresariamento urbano” (Harvey, 1996), uma política cujo objetivo era o de torná-lo palco de grandes investimentos públicos e privados. Para tanto, os moradores da comunidade Vila Autódromo deveriam ser removidos de suas casas, dando espaço às novas construções e interesses de cunho empresarial. Entretanto, um grupo de moradores da comunidade Vila Autódromo recusou-se a se deslocar para outro local ou receber algum tipo de indenização e, dessa forma, passou a lutar por seu direito de permanência, mesmo sob intensas pressões exercidas pelos atores ligados ao poder público. Essa luta contra remoções forçadas de assentamentos urbanos populares não se restringiu aos moradores da Vila Autódromo, envolvendo grupos diversos tais como o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, assim como pesquisadores, apoiadores e moradores de outras comunidades, que conjuntamente promovem ações coletivas que auxiliam no empoderamento dos movimentos sociais urbanos. A partir disso, o objetivo deste estudo é analisar as práticas de resistências adotadas por esses grupos contra o processo de remoção realizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro na comunidade Vila Autódromo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa contendo dados coletados de contínuas participações da pesquisadora em eventos realizados na comunidade, as quais originaram notas de campo, fotografias e vídeos. Além disso, foram efetuadas pesquisas documentais por meio da análise do Plano Popular da Vila Autódromo e de reportagens dos meios de comunicação de massa, que possibilitaram que a pesquisadora conhecesse diversos aspectos atuais e do passado histórico da região. Por fim, foram realizadas entrevistas individuais por meio da utilização de tópicos guia. Os resultados demonstram que as práticas levadas a cabo pelos grupos supracitados tornaram a comunidade um símbolo de resistência e exemplo para outras comunidades.

Palavras-chave

Resistência. Remoções. Vila Autódromo



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The actions implemented by different social movements have been the object of several works in the area of critical organizational studies. That's because they are capable of making possible different ways for society to organize and manifest its demands, making it possible for the collective to act in a heterogeneous way in for a consensus (Dussel, 2007; Misoczky, 2010; Gohn, 2011). In the present study, this mobilization involves the struggle of some residents of a community for their permanence in that locality. The community is called Vila Autódromo and it's located in the West Zone, in the municipality of Rio de Janeiro, a region that suffered from a strong real estate speculation due to the expansion process of the city. This speculative interest was greatly increased with the arrival of the 2016 Olympic Games, as the region was chosen by the public authorities to house the Olympic Park, the "heart of the Games" (Freire, 2013). Thus, for these predilections to be met, the place went through a process of "urban entrepreneurship" (Harvey, 1996). This is a policy whose purpose was to make the city a place of great public and private investment. To do so, the residents of the Vila Autódromo community should be removed from their homes, giving space to new constructions and business interests. However, a group of residents of the Vila Autódromo community refused to move to another location or receive any kind of compensation and thus began to fight for their right to remain in their houses, even under intense pressure exerted by the actors linked to the public power. This struggle against forced removals of popular urban areas was not restricted to the residents of Vila Autódromo. It involves diverse groups such as the People's Committee of the World Cup and the Rio de Janeiro Olympics, as well as researchers, supporters and residents of other communities who jointly promote collective actions that assist in the empowerment of urban social movements. From this, the objective of this study is to analyze the resistance practices adopted by these groups against the removal process carried out by the municipality of Rio de Janeiro in the Vila Autódromo community. For this, a qualitative research was made containing data collected from the researcher's continuous participation in events held in the community, which originated field notes, photographs and videos. In addition, the documentary research was carried out through the analysis of the Vila Autódromo Popular Plan and media reports. This allowed the researcher to know various current and historical aspects of the region. Finally, individual interviews were conducted through the use of guiding topics. The results demonstrate that the practices carried out by the groups mentioned above have made the community a symbol of resistance and example for other communities.

Keywords

Resistance. Removals. Vila Autódromo



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

O Rio de Janeiro é uma cidade brasileira que possui uma história marcada por diversos períodos de políticas remocionistas desenhadas pelo poder público. Essas políticas possuem em comum a seguinte característica: quando houve a valorização de uma região da cidade, houve a retirada das camadas mais pobres (Gomes, 2007; Abreu 2013; Brum, 2013; Justino, 2016).

A candidatura da cidade do Rio de Janeiro à sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão de 2016, no dia 7 de setembro de 2007, iniciou mais um desses períodos. A cidade disputou ao lado de Madri, na Espanha, Chicago, nos Estados Unidos, e Tóquio, no Japão. As manifestações comemorativas na areia de Copacabana demonstravam ao mundo a felicidade de parte da população da cidade em sediar esse megaevento (Maranhão, 2009).

Entretanto, paralelamente aos olhares positivos, normalmente, associados ao turismo e melhorias na infraestrutura urbana, estão as visões negativas, que acreditam que o megaevento prioriza o atendimento aos negócios e, conseqüentemente, à acumulação de capital, sustentado por uma política de “empresariamento urbano” (Harvey, 1996), em vez da melhoria das condições de vida da população local. Seguindo a lógica dessa política, a prefeitura multiplicava as parcerias com as iniciativas privadas para viabilizar as obras, dentre elas a construção do Parque Olímpico.

O Parque Olímpico, considerado o coração dos Jogos Rio 2016, seria construído no espaço da comunidade Vila Autódromo. Comunidade localizada na Zona Oeste da cidade que desde o processo de expansão dessa região da cidade, na década de 90, tem sido alvo de interesse de grandes construtoras e especuladores. E, com a chegada dos Jogos, o que era possibilidade tornou-se fato. Isso desencadeou ações contrárias a essas remoções, tornando a comunidade bastante organizada e combativa, sendo considerada símbolo de resistência para outras comunidades que enfrentam a mesma situação (Tafakgi, 2016).

Essa luta contra remoções de assentamentos urbanos populares é uma das principais causas defendidas pelo Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, além de ser uma causa defendida por outros apoiadores, pesquisadores e moradores da comunidade Vila Autódromo,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que, conjuntamente, se organizaram com vistas a desenvolver práticas de resistências que auxiliam na amplitude dos movimentos sociais urbanos.

Dessa forma, este estudo - fruto de um esforço preliminar para a dissertação de mestrado da pesquisadora - visa analisar as práticas de resistências adotadas por esses grupos contra o processo de remoção realizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro na comunidade Vila Autódromo. Pensar essa questão a partir do campo disciplinar da Administração fomenta os estudos que visam compreender as organizações para além dos moldes dominantes, possibilitando a abertura aos espaços organizacionais que tendem a ser ignorados pelo discurso hegemônico (Parker, 2002; Misoczky, 2010).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Referencial Teórico

Organizações alternativas nos Estudos Organizacionais

O discurso dominante no campo da Administração é o do *management*. Consolidado com a Guerra Fria, que durou do final da II Guerra Mundial até o colapso da URSS, em 1991 (Alcadipani & Bertero, 2012), esse pensamento embebeu o campo disciplinar da Administração, tornando a eficácia, a eficiência e a maximização de resultados categorias centrais para se pensar as organizações (Alcadipani & Rosa, 2011). Porém, apesar da hegemonia de tal lógica no campo, as discussões acerca das transformações nas práticas de organizar têm colaborado para o surgimento de novas formas de se pensar as organizações.

Nesse sentido, pensar os movimentos sociais como parte do campo de estudos organizacionais é uma forma de se confrontar a maneira estreita por meio da qual as organizações têm sido percebidas e analisadas ao longo do tempo. Entretanto, Misoczky, Flores e Silva (2008) alertam para duas questões ao se admitir a possibilidade de estudá-lo nessa área: uma é a propriedade do campo ao falar sobre organizar e organização e outra é o desafio devido à supracitada tradição teórica do campo.

Por isso, neste trabalho, buscou-se percorrer o caminho de que apesar da aparente unicidade do discurso do *management*, esse é posto em xeque por múltiplas vozes que reclamam por uma visão de organização alternativa (Bohm, 2006; Cheney, 2014). Esse termo “organização alternativa” se tornou popular na linha de Estudos Organizacionais Críticos, sendo entendido como oposição aos arranjos institucionais tradicionais, significando organizações menos hierárquicas, menos burocráticas e mais voltadas para necessidades humanas e ambientais (Cheney, 2014). Também envolve práticas organizacionais criativas e não restritas a esfera econômica (Parker, Fournier & Reedy, 2007). Isso porque o substantivo “organização” é geralmente utilizado para se referir a algo formalmente constituído, restringindo-se a entidades e instituições formais (Bohm, 2006), sendo frequentemente sinônimo de empresas (Solé, 2003). Dessa forma, Misoczky e Moraes (2011, p.51) apontam a importância de se pensar em práticas organizacionais horizontais, ou seja, “vinculadas à democracia



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

direta e as relações sociais anti-hierárquicas e antiautoritárias [...]” que reflitam experiências em fluxo constante. Para isso, é preciso pensar para além do organizar do modo burocrático, sendo esse o modo de organizar da prática gerencial. O que se espera, então, é a reflexão a partir de um organizar capaz de “produzir socialmente modos de cooperação, sempre instáveis e em movimento” (Misoczky, 2010, p.27). Para tanto, as ações sociais precisam ser orientadas pela produção no coletivo, expressando “uma constituição do poder desde baixo”, isso quer dizer que a lógica de formação deveria “articular todos os envolvidos no processo” (Misoczky & Moraes, 2011, p. 79).

Para Parker, Cheney, Fournier e Land (2014) três princípios devem orientar os estudiosos de organizações alternativas, são eles: autonomia, solidariedade e responsabilidade. O primeiro envolve o respeito a si mesmo; o segundo invoca os pressupostos do primeiro e introduz os nossos deveres para com os outros, descrevendo por meio das noções de solidariedade, cooperação, comunidade e igualdade as formas como os seres humanos são e as prescrições de como deveriam ser; o terceiro abrange a responsabilidade com o futuro pela reflexão sobre os efeitos das alternativas no âmbito individual e no coletivo (Parker et al., 2014). Para Parker et al. (2014) qualquer alternativa deve ter responsabilidade com o futuro, envolvendo preocupações vinculadas à sustentabilidade, por exemplo, pois o que se vê é que isso tem sido esmorecido em estruturas organizacionais econômicas do presente que se preocupam demasiadamente com os recursos que podem ser usados para ganhos de curto prazo.

Apesar de parecer paradoxal, pensar em autonomia e solidariedade, os autores argumentam que caso não exista a autonomia dentro de um determinado sistema social, ou seja, caso existam apenas regras, esse sistema seria totalitário, uniforme e não toleraria a diferença (Parker et al., 2014). Pois, é possível que os indivíduos sejam diferentes, porém, que estejam juntos, isso porque a dicotomia entre o indivíduo e a sociedade é frequentemente mediada por alguma identidade devido ao fato de ele pertencer a um grupo, como, por exemplo, a um movimento social (Jenkins, 1996; Parker et al., 2014). Cabe salientar que essa autonomia não representa o poder de uma autoridade suprema que guie cegamente a todos, mas sim, que todos devem ser atores no processo, produzindo no coletivo um consenso recíproco (Dussel, 2007).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A organização deve então ser capaz de transformar a potência do povo em poder, representando o meio para a emancipação, e, os participantes responsáveis por cumprir o que for de sua responsabilidade em prol de um consenso (Misoczky, 2010). Para tanto, são desenvolvidas funções heterogêneas diferenciadas, funções essas que serão proporcionalmente preenchidas de acordo com a participação popular (Dussel, 2007; Misoczky, 2010; Gohn, 2011). Pensando-se, a partir disso, que os movimentos sociais podem ser uma alternativa ao conceito hegemônico de organização no campo disciplinar da Administração, considera-se que movimentos sociais são ações sociais coletivas que possibilitam formas diferentes de a população organizar-se e expressar suas demandas (Gohn, 2011).

O Brasil possui uma histórica práxis de movimentos sociais populares, cujos ativistas ajudaram a compor as grandes manifestações públicas (Peruzzo, 2013). Os próprios pesquisadores podem ser atores se adotarem uma postura de observadores críticos e de participantes ativos, que dessa forma, colocariam seu conhecimento a serviço das organizações com as quais estejam interagindo (Misoczky, Flores & Böhm, 2008). A intenção é que haja “a integração, interação e construção do diálogo entre conhecimento científico e ‘popular’”, baseando-se no diálogo horizontal e identificando o pesquisador como um intelectual orgânico, ou seja, “aquele que constrói junto com os atores existentes na sociedade concreta a partir de suas realidades” (Rauber, 2004, p. 22 - tradução nossa).

Sabendo disso, é importante frisar que, no Brasil, não há como se abster da relevância empírica desse objeto, já que a realidade brasileira, e, latino-americana como um todo, é marcada pela atuação política de movimentos sociais envolvidos em questões que afetam a todos (Misocky, Flores & Silva, 2008). Assim, os movimentos têm percebido a necessidade de se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, já que isso amplia as chances de ganharem visibilidade e, assim, de produzirem impacto na esfera pública e obterem conquistas para a cidadania (Scherer-Warren, 2008). A partir disso, constata-se a importância de os movimentos sociais dialogarem também entre si. Gohn (1991) aponta que essa troca de experiências, em espaços que abrigam as práticas coletivas, é um ponto crucial para que informações sejam socializadas,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

identidades constituídas, conhecimentos dos resultados obtidos por outros grupos absorvidos e memórias de experiências passadas reavivadas.

A partir dessas considerações, pensar-se-á neste trabalho nas práticas de resistências adotadas por grupos contrários ao processo de remoção realizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro na comunidade Vila Autódromo, e que, conseqüentemente, apresentam-se como organizações alternativas, contrárias a políticas de “empresariamento urbano” (Harvey, 1996), que são naturalizadas pelo discurso do *management* (Alcadipani & Rosa, 2011) na Administração Pública da cidade do Rio de Janeiro. Ou seja, são contrárias às políticas que envolvam parcerias público-privadas com o intuito de promover o desenvolvimento econômico por meio de empreendimentos imobiliários especulativos em vez da melhoria das condições de vida e de trabalho da população local (Harvey, 1996). A reflexão dessas práticas de resistência se dará para além da lógica de ações de oposição, mas sim, abarcando a defesa de saberes, posições, pontos de vista, bem como as realizações e a potencialidade criadora decorrentes delas (Misoczky, Flores & Böhm, 2008).

As estratégias - aqui denominadas como práticas devido à origem conceitual do primeiro termo - foram percebidas com base no estudo realizado por Otto e Böhm (2006) e Sullivan, Spicer e Bohm (2011). Quanto ao primeiro estudo, eles analisam as estratégias organizacionais de resistência da Coordenadora de Defesa do Agua e da Vida, uma coalizão de grupos carregados pela crença de que nenhum setor individual por si só poderia reunir recursos e forças suficientes para bloquear a privatização da água em Cochabamba. Os autores citam os “cabildosabiertos”, assembléias públicas e as reuniões abertas na cidade, como um elemento chave para atrair a nova consciência e a unidade do povo. Os cabildos apresentavam “o povo” como ator soberano e seus participantes atuavam de maneira autônoma e coletiva (Otto & Böhm, 2006). Formas verticais de organizações, como regras e procedimentos também foram percebidas pelos autores. Porém, neste estudo dar-se-á enfoque às práticas de resistência com caráter de horizontalidade.

Quanto ao segundo estudo, Sullivan, Spicer e Bohm (2011) constatam que a Indymedia, rede de mídia independente, desafia as estruturas hegemônicas do neoliberalismo por meio da abertura de espaços contrários a esse sistema, desafiando as fronteiras entre jornalistas profissionais, jornalistas leigos, e leitores (Platon & Deuze, 2003). A partir disso, concorda-se com os autores que



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

as mídias alternativas podem facilitar a comunicação entre os ativistas, contribuindo para as práticas de resistência ao neoliberalismo.

Breve Contextualização acerca das remoções na Vila Autódromo

A Vila Autódromo é uma comunidade localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro que tem resistido contra as tentativas de remoção promovidas pelo poder público desde a década de 1990. Isso devido ao processo de expansão da cidade, que fez com que essa região passasse a ser cada vez mais valorizada, ampliando os interesses de grupos imobiliários e da construção civil. A possibilidade tornou-se iminente em outubro de 2011, pois, o, então, Secretário de Habitação do município informou que essa política seria necessária por exigência do Comitê Olímpico Internacional com o intuito de viabilizar a construção de instalações esportivas do Parque Olímpico, palco principal das competições durante os Jogos Rio 2016 (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2015). Posteriormente, a Prefeitura afirmou que a comunidade não precisaria ser removida em função do Parque Olímpico, mas para as obras do *Bus Rapid Transit*, ou Transporte Rápido por Ônibus, (BRT) Transcarioca e Transolímpica.

Em 2014, as primeiras casas começaram a ser demolidas. De acordo com o dossiê do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro (2015), foram feitas demolições irregulares, escombros não estavam sendo retirados e havia danos na rede elétrica e de água; situações que forçavam os moradores a aceitarem a negociação. Porém, mesmo com essas estratégias ilegais, parte dos moradores não aceitaram as negociações e começaram a desenvolver ações contrárias a esse processo. Assim, em 2015, o então prefeito publicou três decretos de desapropriação para fim de utilidade pública, atingindo cerca de 50 casas na comunidade, dentre elas, a Associação de Moradores e as casas das principais lideranças na luta pela permanência. Os decretos foram contestados na justiça pela Defensoria Pública e por vereadores da Câmara Municipal (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2015). Com o crescimento da visibilidade das remoções na comunidade, a Vila Autódromo passou a receber o apoio de outros diferentes grupos como: pesquisadores, apoiadores, moradores de outras comunidades e mídias alternativas - formas de comunica-



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ção que germinam no contexto dos movimentos populares, e, que têm se reelaborado para se adequarem as tecnologias de informação e comunicação de seu tempo (Peruzzo, 2013) - que influenciaram na luta dos moradores contra essa política.

Dessa forma, as práticas de resistência desenvolvidas por esses diferentes grupos, em conjunto com os moradores, possibilitaram a permanência de vinte famílias na comunidade.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Para esta pesquisa de natureza qualitativa, foram realizadas observações participantes, pesquisas documentais a partir do Plano Popular da Vila Autódromo e de reportagens dos meios de comunicação de massa; além de entrevistas individuais por meio da utilização de tópicos guia. Quanto à primeira forma de coleta, essa foi feita por meio da ida da pesquisadora a eventos relacionados à comunidade durante o período de abril de 2016 a março de 2017. Quanto à terceira, foram realizadas entrevistas com uma ex-moradora da comunidade, dois moradores e uma jornalista de mídia alternativa. A escolha dos sujeitos entrevistados se deu com base na identificação do constante pronunciamento dos nomes dos mesmos nas notas de campo da pesquisadora, assim como nos dados secundários analisados.

A análise foi realizada de maneira interpretativa com base nos principais conceitos dos referenciais teóricos utilizados.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análise e Discussão de Dados

A partir da apresentação elucubrada no referencial teórico e entrelaçada interpretativamente com os dados aqui dispostas, defende-se que as práticas contrárias às remoções na comunidade Vila Autódromo ocorrem no coletivo. Dessa forma, não se viu a necessidade de utilizar nomes próprios ou características individuais de moradores, pesquisadores, moradores de outras comunidades e jornalistas de mídias alternativas. Portanto, todos que ainda forem moradores da comunidade serão denominados de moradores (as), assim como para os demais envolvidos no processo de resistência.

Em relação aos pesquisadores, constatou-se que estes trazem à comunidade referências teóricas para a construção das práticas de resistência. De acordo com o Plano Popular da Vila Autódromo (PPVA), por exemplo – plano elaborado pela Associação de Moradores do local com a assessoria técnica de especialistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), pertencentes ao Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, que apresentou uma opção com respaldo técnico para a permanência dos moradores – houve “a realização de trabalhos de campo, oficinas de diagnóstico e propostas e assembleias com a participação dos moradores da Vila Autódromo.” (Associação de Moradores e Pescadores da Vila Autódromo [Ampva], 2013, p.5). Além disso, o PPVA também aponta que:

a ideia que orienta toda a metodologia é a de que o planejamento popular é possível, que os moradores e a comunidade detêm um saber que pode embasar um plano tecnicamente consistente. Por isso, as atividades têm permanentemente como objetivo a formação e qualificação de um grupo de planejadores populares da comunidade. Estes planejadores populares são apoiados e assessorados tecnicamente por profissionais, professores, pesquisadores e estudante universitários. Assim, o planejamento urbano deixa de ser monopólio de políticos e tecnocratas, para se transformar em instrumento da luta popular. (Ampva, 2013, p. 13)

Dessa forma, o Plano demonstrou ser uma das práticas de resistência, sendo a materialização do que foi apontado teoricamente por Rauber (2004), ou seja, a integração entre o conhecimento científico, neste caso dos pesquisadores e do conhecimento popular, presente por meio dos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

moradores. Ademais, em observação no dia 23 de abril de 2016, a pesquisadora verificou que foi realizada uma dinâmica por duas pesquisadoras para que os moradores relembassem de ações realizadas em um dos espaços demolidos. Atividades como essa, denominadas “Ocupa Vila Autódromo”, agenda de atividades culturais na comunidade que surgiu pela parceria entre moradores, ex-moradores, apoiadores e Comitê Popular Rio da Copa e Olimpíadas, eram constantes na comunidade e foram identificadas, a partir dos dados coletados, como práticas de resistência às remoções. Nas entrevistas e nas observações, constatou-se que as mídias alternativas e as redes sociais foram fundamentais na divulgação desses “Ocupas”. Além disso, percebeu-se que eles ampliam a presença e participação de universitários na comunidade. Em entrevista individual, uma das moradoras comenta que: “[...] vinham grupos de estudantes com professor . . . aí assim surgiu a ideia de revigorar o parquinho que tava todo caidinho . . . o que você traz, a gente vai estudar, pensar junto e vai embora . . . a gente abraça.” (moradora)

Isso demonstra que os próprios pesquisadores puderam atuar como intelectuais orgânicos. Conforme afirmado por Rauber (2004), Misoczky, Flores e Böhm (2008), é possível a construção do diálogo horizontal e participação ativa dos pesquisadores por meio da colocação de seus conhecimentos técnicos à disposição do grupo, possibilitando o diálogo e a troca de informações (Misczky, Flores, & Böhm, 2008).

Essa troca também se dá entre outros grupos que possuam a mesma identidade social ou política (Scherer-Warren, 2008). No caso da comunidade Vila Autódromo, foi observado pela pesquisadora, em visita à comunidade no dia 19 de junho de 2016, a presença de moradores pertencentes à Comunidade da Indiana, comunidade da Zona Norte do Rio, que também vinha passando por remoções. Um dos moradores afirmou estar lá por ter conhecido a história da Vila Autódromo e ver na ida a esses eventos a possibilidade de ampliar a luta de ambos. E, no dia 19 de março de 2017, um evento na Vila Autódromo terminou com a arrecadação de dinheiro por uma das moradoras para auxiliar nos gastos dos moradores da comunidade Vila Hípica com geradores. De acordo com a moradora, esta comunidade está localizada no Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro, e tem tido cortes de eletricidades, denominados pelos moradores como “remoções mascaradas”. Fomentando a importância dessa troca de experiência entre comunidades, uma ex-moradora



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

afirmou na entrevista individual que: “[...] ganhava a rua pra levar e trazer experiência...ensinar e aprender o que eu tinha aprendido com as outras comunidades e isso envolvia tudo, envia seminários, envolvia audiências, envolvia assembleia dentro de espaços políticos [...] (ex-moradora)

Dessa forma, evidencia-se a importância da presença de moradores de outras comunidades que estivessem passado ou que estivessem passando pelo processo de remoção como forma a auxiliar e incentivar a construção de práticas de resistência às remoções na comunidade Vila Autódromo. Isso comprova empiricamente a necessidade de articulação entre grupos de mesma identidade para a socialização das experiências e possível ampliação da luta do movimento (Gohn, 1991; Scherer-Warren, 2008).

O desenvolvimento de práticas de resistência contendo os princípios apresentadas por Parker et al. (2014) para organizações alternativas, quais sejam: autonomia, solidariedade e responsabilidade, são considerados pontos chaves para o alcance dos resultados. A importância da autonomia fica evidente na fala de uma das ex-moradora, que afirma que: “[...] então eu acho q é o povo q tem q tomar atitude, né...é o povo que tem que se posicionar [...]. A fala de uma das moradoras complementa esse pensamento:

O fundamental nessas lutas contra as remoções é o morador ter a consciência de entender que quem tem o poder de ficar nessa terra é ele, a gente poderia ter todo apoio do mundo, mas se nós resolvêssemos negociar não ia adiantar o apoio [...] (moradora)

A solidariedade se fez presente em diversos momentos ao longo da análise. Demonstrando-se ser fundamental, estando atrelada à cooperação. Na entrevista individual, moradores afirmam que: “A gente foi criando novos mecanismos de luta . . . a gente tinha muito apoiador . . . a ideia vinha de uma apoiador...da comunidade . . . a gente em grupo sempre trabalhando no coletivo.” (moradora). “O que foi mais importante nessa luta pra nós aqui foi em termos de defesa, de se articular, foi a nossa receptividade com todos que chegavam porque eles voltavam, sabe pra nos ajudar sempre que necessário.” (morador). “Algumas dessas ações você não tem como descobrir quem foi porque surgiam de assembleias e reuniões, tá? Todo mundo que queria falar levantava o dedo ia lá falava.” (morador). A jornalista corrobora, enfatizando que:



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

[...] existia uma organização e é isso que foi tão impressionante . . . as pessoas tinham uma aproximação maior entre elas, elas viviam talvez como uma família pelo que eu senti da forma como elas falavam umas das outras . . . eles entendiam a importância de envolver a imprensa . . . a gente ficou lá dormindo e tal. (jornalista)

Em relação à responsabilidade com o futuro, esta demonstrou ser importante na luta, sendo um meio para fortalecer a união e, conseqüentemente, estimular práticas no coletivo e atrair a mídia internacional. Quanto a isso, um dos moradores afirma que:

[aqui] eu pude ficar mais perto da natureza aqui, né . . . começamos a plantar outros tipos de árvores no quintal, né . . . e a troca com os vizinhos era sensacional, né...os vizinhos davam a fruta e você dava outra pra ele . . . funcionou muito aqui você atender a mídia internacional, acho que aqui foi um pouco tipo Chico Mendes, né, defendendo o verde [...] (morador)

Sendo assim, constatou-se que os três princípios de Parker et al. (2014) para organizações alternativas foram fundamentais na construção das práticas de resistência. Além disso, percebeu-se de forma empírica que é preciso que todos atuem no processo por meio de uma produção no coletivo, conforme apontado teoricamente por Dussel (2007).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusão

De antemão, é importante destacar que não se pretendeu com esse estudo sistematizar teoricamente as nuances dos movimentos sociais no campo disciplinar da Administração, mas sim, demonstrar a possibilidade de as práticas organizativas dialogarem com outros campos disciplinares, entendendo as organizações para além de meramente sinônimos de empresas.

Com base nas análises apresentadas, foi possível identificar que os “Ocupas Vila Autódromo” e o Plano Popular da Vila Autódromo foram práticas de resistências pensadas coletivamente e horizontalmente, que atraíam grupos de moradores que passavam pelo mesmo processo, possibilitando a troca de experiências. Essas práticas foram desenvolvidas a partir dos princípios de Parker et al. (2014) para organizações alternativas. A divulgação dessas práticas nas mídias alternativas contribuiu para a resistência, conforme identificado no estudo de Sullivan, Spicer e Böhm (2011) e percebido neste estudo.

Para finalizar, é preciso destacar que ao longo do estudo, diferentes atores foram percebidos como apoiadores da luta da comunidade contra o processo de remoção. Acredita-se que inúmeros estudos com idas e vindas à comunidade sejam necessários e mesmo assim não será possível identificar detalhadamente todos eles. Essa constatação, percebida devido às inúmeras fontes de dados, é benéfica, pois demonstra a dimensão que a luta tomou. Dessa forma, admite-se que as análises aqui dispostas não cobrirão toda a riqueza contida em todos os relatos, imagens, vídeos espalhados pelo mundo. Espera-se então que este trabalho inspire novos estudos que ampliem a visibilidade das práticas de resistência da Vila Autódromo, assim como de outras comunidades e, conseqüentemente, fomentando os estudos de organizações alternativas.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

Abreu, M. (2013). *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP.

Associação de Moradores e Pescadores da Vila Autódromo. (2013). Plano Popular da Vila Autódromo. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de:
<https://comitepopulario.files.wordpress.com/2012/08/planopopularvilaaudromo.pdf>

Alcadipani, R., & Bertero, C. O. (2012). Guerra fria e ensino do management no Brasil: o caso da FGV-EAESP. *Revista de Administração de Empresas*, (52) 3, 284.

Alcadipani, R., & Rosa, A. R. (2011). From Global Management to Glocal Management: Latin American Perspectives as a Counter-Dominant Management Epistemology. *Canadian Journal of Administrative Sciences*, (28) 4, 453-466.

Brum, M. (2013). Favelas e remocionismo ontem e hoje: da Ditadura de 1964 aos Grandes Eventos. *O Social em Questão*, (16) 29.

Böhm, S. (2006). *Repositioning organization theory*. New York: Palgrave MacMillan.

Cheney, G., Cruz, I. S., Peredo, A. M., et al. (2014) 'Worker Cooperatives as an Organizational Alternative: Challenges, Achievements and Promise in Business Governance and Ownership', *Organization* 21(5), 591-603.

Cheney, G. (2014, setembro). Alternative organization and alternative organizing. *Critical Management*. Recuperado de <http://www.criticalmanagement.org/node/3182>

Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro. (2015, novembro). *Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro: Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de
http://www.childrenwin.org/wp-content/uploads/2015/12/Dossie-Comit%C3%AA-Rio2015_low.pdf

Dussel, E. (2007). 20 Teses de Política. Tradução de Rodrigo Rodrigues. São Paulo: Ed. Expressão Popular.

Emicida. (2015). Casa. Em *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa* [CD]. Laboratório Fantasma.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Freire, L. (2013). Mobilizações coletivas em contexto de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. *O Social em Questão*, (16) 29, p. 101.

Gomes, L. (2007). *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Planeta.

Gohn, M. (1991). *Movimentos Sociais e Luta pela moradia*. São Paulo: Loyola.

Gohn, M. (2011). Social movements in contemporary. *Revista Brasileira de Educação*, (16), 47, 333-361.

Harvey, D. (1996). Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. São Paulo, *Espaço e Debates*, 39, 48-64.

Jenkins, R. (1996). *Social Identity*. London: Routledge.

Justino, D. (2016). As remoções no início da Gestão Paes (2009-2010): casos emblemáticos. In A. Mendes & G. Cocco (Orgs.). *A resistência à remoção de favelas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revan.

Lightfoot, G. (2013). Imagining alternatives. In M. Parker, G. Cheney, V. Fournier, & C. Land. *The Routledge Companion to Alternative Organization*. London: Routledge.

Maranhão, R. (2009, outubro 02). Rio transforma o sonho olímpico em realidade e conquista os Jogos de 2016. *Globo.com*. Recuperado de <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Olimpiadas/0,,MUL1327272-17698,00-RIO+TRANSFORMA+O+SONHO+OLIMPICO+EM+REALIDADE+E+CONQUISTA+OS+JOGOS+DE.html>

Misoczky, M. C., Flores, R. K., & Silva, S. M. G. (2008). Estudos organizacionais e movimentos sociais: o que sabemos? Para onde vamos. *Cadernos Ebape. br*, (6) 3, 1-14.

Misoczky, M. C.; Flores, R. K., & Böhm, S. (2008). A práxis da resistência e a hegemonia da organização. *Organizações & Sociedade*, (15) 45.

Misoczky, M. C. (2010). Das práticas não-gerencias de organizar à organização para a praxis da libertação. In M. C. Misoczky, R. K. Flores, & J. MORAES (Orgs.). *Organização e práxis Libertadora*. Porto Alegre: Dacasa Editora.

Misoczky, M. C, Moraes, J. (2011). *Práticas Organizacionais em Escolas de Movimentos Sociais*. Porto Alegre: Dacasa Editora.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Otto, B., & Böhm, S. (2006). "The people" and resistance against international business: the case of bolivian water war. *Critical perspectives on International Business*, (2), 4, 299-320.

Parker, M. (2002). *Against Management: Organization in the age of Managerialism*. Cambridge: Polity Press.

Parker, M., Fournier, V., & Reedy, P. (2013). *Dicionário de alternativas*. São Paulo: Octavo.

Parker, M, Cheney, G, Fournier, V, & Land, C. (2014). The question of organization: A manifesto for Alternatives. *Ephemer*.

Peruzzo, C.K. (2013). Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que "o gigante acordou"(?). *Revista Matrizes*, 7(2), 73-93.

Platon, S. & Deuze, M. (2003) Indymedia journalism: a radical way of making, selecting and sharing news? *Journalism*, 4(3), 336–355.

Rauber, I. (2004). La transformación social en el siglo XXI: camino de reformas o de revolución. *Pasado y Presente XXI*.

Scherer-Warren, I. (2008). Redes de movimentos sociais na américa latina: caminhos para uma política emancipatória?. *Caderno CRH*, 21(54), 505-517.

Solé, A. (2003). L'entreprise: une invention Latine? *Anais do Colóquio Internacional sobre Poder Local*, Salvador, BA, Brasil, 9.

Sullivan, S., Spicer, A., & Böhm. S. (2011). Becoming Global (Un)Civil Society: Counter-Hegemonic Struggle and the Indymedia Network, *Globalizations*, (8) 5, 703-717.

Tafakgi, M. Copa e Olimpíadas pra quem? (2016). Uma etnografia sobre os impactos sociais e as mobilizações coletivas no processo de preparação do Rio de Janeiro como sede de megaeventos esportivos. *Revista Ensaios*, 7, 1-16.